

**FACULDADE MULTIVIX
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NO ADOECIMENTO MENTAL
DA POPULAÇÃO EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19**

DAYENNE JACOBOSHI RODRIGUES

JOYCE PATROCÍNIO DAVILA

TALISSA RODRIGUES DANIEL

CARIACICA-ES

2021

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NO ADOECIMENTO MENTAL DA POPULAÇÃO EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19

DAYENNE JACOBOSHI RODRIGUES

JOYCE PATROCINIO DAVILA

TALISSA RODRIGUES DANIEL

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia, apresentado à Faculdade MULTIVIX, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Tuhany de Oliveira Sabino

CARIACICA-ES

2021

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo elucidar aspectos referentes à influência da mídia no adoecimento mental na atual conjuntura pandêmica. Busca-se estabelecer uma reflexão do quanto a COVID-19 e o foco midiático na tragédia que se extrai desse cenário fez com que a população fosse exposta a estressores que podem contribuir para o aparecimento de adoecimento psíquico. Nas pegadas desse processo, valendo-se de revisão crítica e integrativa da literatura pertinente, somado a um enfoque qualitativo e pesquisa explicativa, desenvolveu-se uma reflexão em torno do papel da psicologia em meio as dificuldades hodiernas. Restou constatado que é necessário manter o equilíbrio para que essa realidade caótica e de intenso sofrimento não comprometa a qualidade de vida das pessoas.

Palavras-chaves: Adoecimento. COVID-19. Saúde mental.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. DESENVOLVIMENTO	6
2.1. MÍDIA: CONCEITO, INFLUÊNCIA E MANIPULAÇÃO	6
2.2. PANDEMIA DA COVID-19	7
2.3. SAÚDE MENTAL EM PERSPECTIVA	9
2.4. A MÍDIA A CULTURA DO MEDO	10
2.5. SENSACIONALISMO E FOCO NA TRAGÉDIA: UMA CRÍTICA SOCIAL	11
2.6. <i>FAKE NEWS</i> E SEUS EFEITOS NA VIDA DAS PESSOAS	13
2.7. A PSICOLOGIA E OS DESAFIOS NO CONTEXTO PANDÊMICO	14
3. METODOLOGIA	17
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
6. REFERÊNCIAS	19

1. INTRODUÇÃO

Busca-se com este artigo trazer luz à manipulação midiática que se estabelece frente à delicadeza de uma realidade repleta de mortes e contaminações, somada ao caos no sistema de saúde, que consubstanciam o *status quo* da pandemia no Brasil. Por mais que se tem avançado no que tange à imunização, ainda se vive os desafios da COVID-19 e se depara com todo horror que essa doença é capaz de gerar. Nisso, alguns desafios acompanham e a saúde mental de toda população está exposta a uma indústria midiática que ora explora em demasia o trágico cenário e ora se perde em sensacionalismos e *fake news*.

De modo especial, fala-se das redes sociais como Instagram, Facebook, Whatsapp etc. A potencial manipulação em massa oriunda desses instrumentos acaba por influenciar negativamente a vida das pessoas. Quando se fala nessa perspectiva manipuladora, alude-se a uma forma de incutir informações e crenças nas pessoas.

Dentre os distúrbios que se observa em ascensão no contexto pandêmico, convém mencionar a depressão e a ansiedade. As pressões provenientes do isolamento social acabam por trazer frustrações e angústias.

Assim, é uma preocupação da psicologia cuidar da saúde mental das pessoas em uma situação sem precedentes na história recente da humanidade. Faz-se preciso que se intensifique a consolidação da função social da psicologia e do exercício da escuta, para que se gere um contributo na superação dos males atuais.

O presente esforço é composto de desenvolvimento, em que se aborda mídia, em termos conceituais e sua influência manipuladora, a pandemia da COVID-19 propriamente dita, a saúde mental em perspectiva, a cultura do medo, sensacionalismo e cultura do medo, uma abordagem sobre fake news e o papel da psicologia nesse contexto pandêmico. Além disso, tem-se a metodologia, resultados e considerações finais.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. MÍDIA: CONCEITO, INFLUÊNCIA E MANIPULAÇÃO

Primeiramente, importa destacar o conceito de mídia, que, por seu turno deriva “Do vocábulo latino que em português significa Meios, importado para nossa língua do inglês, que se pronuncia Mídia” (CARRIÇO *et al*, 2010. p. 2).

Ainda, mídia está ligada ao espaço, veículo ou canal em que se transmite uma mensagem. Por isso, pode-se relacionar a origem da mídia com a própria origem da escrita, quando o homem passou a fazer registros de acontecimentos e tradições, perpassando por gerações conteúdos e ensinamentos. Todavia, é na modernidade com a invenção da imprensa que a mídia ganha um espaço muito mais abrangente. As mensagens que antes eram copiadas de modo manuscrito, passam a ser veiculadas em larga escala. Na contemporaneidade, isso se intensifica, com o surgimento da *internet* que propaga informações em frações de segundo para locais antagônicos da Terra (MIRANDA, 2007) e (MACHADO, 2009).

Nessa perspectiva, há uma problemática deveras complexa, à medida que a mídia que por essência etimológica nasceu para ser meio, com frequência se converte em finalidade. A mídia tem influenciado os dias atuais, tanto que há quem chega o tempo presente de “idade mídia”:

A Idade Mídia nos colocará num calendário atemporal. De onde estamos, ainda não conseguimos perceber toda a sua dimensão, exatamente por pertencermos a um tempo transitório no qual o comportamento, desde o mais íntimo e reservado ao mais abrangente e exposto, não está totalmente modificado. Mas está se modificando rapidamente. E, caro leitor, essa modificação não cessará nunca (LONGO, 2019. p. 68).

Tal ideia, em certa medida, se relaciona com o que preconiza o sociólogo polonês Bauman (2001), que alude para o fato de que se vive numa modernidade líquida, em que as relações humanas estão fragilizadas. Em substituição à antiga solidez dos laços afetivos e pretéritas estruturas tradicionais do corpo social tem-se uma liquidez sem precedentes que faz com que tudo seja dotado de efemeridade.

O contexto que se vive lembra uma perspectiva similar àquela trazida por Huxley (1980) em seu “admirável mundo novo”¹. A tecnologia toma conta do

¹ Huxley publica sua obra Admirável Mundo Novo em 1932 e se trata de um romance que se passa em Londres num futuro distante (ano 2540). O foco do livro é a manipulação psicológica e a

cotidiano dos povos e ao mesmo tempo que aproxima em alguma medida, suscita distanciamentos e individualismos.

Um dos desafios trazidos por essa sociedade líquida diz respeito à busca pela felicidade através do consumo. Ora, alimenta-se uma ilusão através das dinâmicas capitalistas de que ao se comprar se mantém uma satisfação capaz de ser mantida sempre com novas formas de consumo, consubstanciando assim uma felicidade infundável (LIPOVETSKY, 1987). Não se pode olvidar aqui que a informação e aquilo que a indústria midiática fornece são alvos constantes de consumo na contemporaneidade.

Um aspecto dessa indústria midiática é seu forte moralismo e manipulação das massas através de valores. Nisso, o filósofo alemão Nietzsche (1976) viabiliza um contributo significativo ao trazer luz ao fato de que a moral é uma construção humana que envolve jogos de dominação e poder. Por isso, frequentemente o moralismo se converte numa arma midiática.

O setor midiático com tudo isso pode exercer um forte poder de manipulação e manobra de massas. Recorde-se, por exemplo, que no contexto recente da História do Brasil no golpe civil-militar de 1984, a mídia foi fundamental para que se apoiasse a ascensão de um regime autoritário e os governantes manipularam o setor midiático para que as mentalidades fossem formadas de um modo que parecesse conveniente. Por outro lado, outras pessoas mobilizaram a atuação midiática para uma resistência que contribuiu para a redemocratização (MENDES, 2011). Inclusive há quem coloque a mídia como um poder considerável na nação, assim como o são os poderes estatais e políticos. Decisões importantes no contexto social sofrem influência dos meios de comunicação e frequentemente os canais de comunicação estão no centro das disputas de poder.

A mídia influencia as atitudes humanas, visto que o tempo todo as pessoas buscam e se expõem à informação e os conteúdos propagados pelas diversas redes de comunicação. Normalmente, ganha a ordem do dia os fatos que estão mais afetando o cotidiano das pessoas. Outras vezes, o sensacionalismo torna a notícia algo comercial e meio de propagação ideológica. Infelizmente, hoje um dos

tecnologia que envolve esse universo hipotético e futurista, mas de profundidade literária e filosófica marcantes.

problemas mais constantes é a questão das *fake news*², propagadoras de discursos de ódio e polaridades insensatas. Todavia, com o advento da pandemia da COVID-19, o que se observou foi um cenário que variou desde um negacionismo cego e desumano a um medo capaz de suscitar pânico e desespero.

2.2. PANDEMIA DA COVID-19

A pandemia que ora se enfrenta trouxe algumas realidades diante das quais a população precisou se adaptar. Dentre elas, é possível destacar o distanciamento social e o isolamento social. Isso corresponde a uma realidade a qual o ser humano não estava habituado e que acarreta uma série de dificuldades afetivas.

Sobre a pandemia da COVID-19, importa registrar:

Iniciado em dezembro, o surto da doença é causado por um novo tipo de coronavírus (denominado inicialmente de 2019-nCoV e, atualmente, de SARS-CoV-2 ou COVID-19). Trata-se de RNA vírus da ordem Nidovirales da família Coronaviridae. Os vírus SARS-CoV, MERS-CoV e COVID-19 são da subfamília Betacoronavírus que infectam somente mamíferos; são altamente patogênicos e responsáveis por causar síndrome respiratória e gastrointestinal. Além desses três, há outros quatro tipos de coronavírus que podem induzir doença no trato respiratório superior e, eventualmente, inferior em pacientes imunodeprimidos, bem como afetar especialmente crianças, pacientes com comorbidades, jovens e idosos. No início, muitos dos pacientes com surtos de doenças respiratórias causados por COVID-19 em Wuhan, na China, tinham alguma ligação com um grande mercado de frutos do mar e animais vivos, sugerindo que a disseminação ocorreu de animais para pessoas. No entanto, um número crescente de pacientes supostamente não teve exposição ao mercado de animais, indicando também a ocorrência de disseminação de pessoa para pessoa. Em fevereiro de 2020, a OMS designou a doença COVID-19, que significa doença de coronavírus 2019 (SOEIRO, 2020. p. 1).

Nesse sentido, trata-se da maior pandemia dos últimos cem anos e suscitou muitas contaminações e óbitos ao redor do globo, causando tragédia e terror. Com efeito, a doença transmite-se através de gotículas produzidas nas vias respiratórias de pessoas infectadas, o que faz com que sua transmissibilidade tenha se dado de forma tão alarmante.

²Trata-se de notícias falsas, distribuídas deliberadamente por diversos meios com a finalidade de macular a imagem de pessoas ou causar desinformação e confusão.

Os tempos de hoje são críticos, porquanto a crise pandêmica instaurou no Brasil crises sociais, econômicas e políticas. Basta constatar a necessidade do isolamento social, a urgência para que houvesse intervenção estatal em prol do combate à doença (o que não ocorreu em níveis satisfatórios), e com a limitação às atividades econômicas sobreveio o desemprego. Soma-se a isso que a sensibilidade do contexto se evidencia ainda mais pela radicalização da insegurança e da incerteza de quando a superação das dificuldades presentes será possível:

Além do medo de contrair a doença, a COVID-19 tem provocado sensação de insegurança em todos os aspectos da vida, da perspectiva coletiva à individual, do funcionamento diário da sociedade às modificações nas relações interpessoais. Quanto à saúde mental, é importante dizer que as sequelas de uma pandemia são maiores do que o número de mortes. Os sistemas de saúde dos países entram em colapso, os profissionais de saúde ficam exaustos com as longas horas de trabalho e, além disso, o método de controle mais efetivo da doença, que é o distanciamento social, impacta consideravelmente a saúde mental da população (FARO *et al*, 2020. p. 3).

Ora, a pandemia da COVID-19 além de ser uma ameaça à integridade física das pessoas, podendo deixá-las fisicamente enfermas e até subtrair-lhes a vida, mostra-se uma ameaça à saúde mental. Para que essa se comprometa, não se faz necessário contato com o vírus em si, mas basta se expor ao pânico que ele dissemina. Com isso, não se pretende adotar uma postura alienada, que não compreende o contexto da gravidade da pandemia. Ao contrário, o que se busca é um equilíbrio na forma de se tratar o problema, não porque ele não seja tão grave quanto parece, mas sim tendo em vista que a dosagem com que as pessoas se expõem a tragicidade dos fatos que o permeiam deve ser revista.

2.3. SAÚDE MENTAL EM PERSPECTIVA

Antes de situar o contexto de saúde mental, é importante compreender o significado de saúde. Trata-se de uma realidade que norteia e determina a vida humana e sobre a qual não se pode olvidar de refletir constantemente. Seria a saúde apenas a negação do estado de doença, ou se trata de uma realidade muito mais abrangente e complexa? O foco de qualquer assistência à saúde seria meramente tratar ou, antes, a tônica é a prevenção? Há de se observar a evolução da ideia de saúde:

A concepção da saúde enquanto ausência de doença continua a ser reafirmada pela prática da medicina contemporânea e pela antropologia médica. Ademais, como vimos, ela foi ampliada pela perspectiva da normalidade com doença defendida pela epistemologia canguilhemiana. Os modelos de doença e os modos de adoecer são relativamente pautados pela patologia e pelos processos sociais de normalização, contrastando com as inumeráveis e criativas maneiras de estar sadio. Conclusão provisória: a saúde deve ser tomada como um conceito aberto, no sentido de que os signos, significados e práticas mostram grande variação, pois não é possível um padrão unificado de normalidade para a saúde. A saúde não se reduz a um único modelo explanatório na medida em que diversas formas de viver, seja histórica, cultural ou individualmente determinadas, apresentam-se como possibilidades distintas de normalidade (FILHO *et al*, 1999. p. 119).

No contexto da saúde mental, pode-se dizer que também não basta o conceito limitador à ausência de patologias psíquicas. Faz-se necessário transcender essa ideia e compreender a saúde mental como uma conjuntura de elementos que contribuem para o desenvolvimento integral das pessoas (FILHO *et al*, 1999).

Com efeito, a doença é parte do todo que requer tratamento, mas a integralidade humana que requer cuidado. Destarte, é mister um aprofundamento no acompanhamento que se faz das pessoas e buscar uma perspectiva que não seja reducionista, tampouco parcial.

O conceito negativo de saúde mental, como mera ausência de diagnósticos patológicos deve dar lugar a uma visão positiva e preventiva, que se consolida com hábitos saudáveis, equilíbrio emocional, abertura afetiva e disponibilidade às relações sociais (SARACENO *et al*, 2019).

O psicólogo tem um papel relevante na consolidação dessa concepção de saúde mental, à medida que sua preocupação não é a doença, mas o ser humano. Ora, a partir dessa macrovisão se robustece a prevenção e o cuidado.

Inclusive, a própria intervenção terapêutica não se limita a uma abordagem de tratamento, mas está ligada a uma postura preventiva de manutenção de saúde mental e de se trabalhar aspectos subjetivos dos quais todos padecem de certa dificuldade (SARACENO *et al*, 2019). Assim, a intervenção terapêutica não é para necessitados, mas se trata de uma abordagem que pode ser aplicada a qualquer contexto humano.

O cuidado em saúde mental está intimamente ligado à questão da subjetividade. É necessário nutrir um profundo conhecimento sobre os próprios desafios e o psicólogo é aquele que provoca esse adentrar dentro de si para se suscitar uma dinâmica de autocuidado (MACHADO; SANTOS, 2012).

Nessa perspectiva, fatores como o distanciamento e o isolamento social levaram a uma postura de fechamento e solidão, o que se mostra extremamente nocivo à saúde mental. Aspectos que se ligam diretamente a uma crise da subjetividade:

Pensando nas consequências do isolamento, não se pode deixar de citar que além do impacto econômico e na dimensão social, percebe-se um abalo na dimensão emocional dos indivíduos. À vista disso [...] é necessário pensar em estratégias de enfrentamento e intervenções que incluem as dimensões sociais (e. g., assistência social e apoio familiar) e psicológicas (e. g., acompanhamento através da psicoterapia on-line, psiquiatria on-line e teleconsulta). Logo, em tempos de crise é fundamental criar manejos para o fortalecimento da SM do indivíduo (PEREIRA, 2020. p. 18).

Isso porquanto o homem e a mulher são por excelência seres sociais, conforme preconiza desde a antiguidade o filósofo Aristóteles (2007), ao situar que na dimensão do convívio da pólis, o ser humano tende a se articular em sociedade para suprir suas necessidades e organizar sua vivência. A teoria aristotélica preconiza que na conjuntura da pólis, há de se usar da política para buscar o bem comum.

Soma-se a isso toda contribuição da psicologia moderna que estabelece a importância do afeto e da proximidade como ferramentas de qualidade de vida e

bem-estar. Nessa dimensão, o toque, o tato, o sentir o calor do outro e conectar-se na dinâmica da alteridade é fundamental para se sentir mais realizado e feliz (SHINYAHISKI, 2015). Quando aqui se reporta ao afeto, tem-se aí a dimensão dos sentimentos e interações humanas. Por seu turno, qualidade de vida é relacionada aos níveis de excelência e bem-estar que se tem na vida.

Ocorre que com a conjuntura pandêmica as dinâmicas das relações se inverteram. A conduta que altruisticamente pensa no próximo não mais se identifica com a proximidade, com o afeto físico, com a presença. Pensar no outro hoje é se distanciar dele. O que pode gerar uma solidão generalizada, que, em que pese seja parcialmente suprida pelas tecnologias e meios de se interagir com outro por redes sociais, ainda é duramente sentida pelas pessoas.

2.4. A MÍDIA A CULTURA DO MEDO

A mídia frequentemente se mostra com uma tendência de se incutir medo na população. Isso porque, muitas vezes, o que move o espírito midiático são perspectivas passionais, focadas em extrair emoções, o que faz com que objetividade e racionalidade tendam a ser deixadas de lado. Normalmente, o meio que se utiliza para tanto sempre foi a criminalidade e o medo da violência. Sobre esse aspecto:

mídia possui influência direta no recrudescimento do controle da criminalidade, sobretudo do sistema penal, uma vez que exerce um importante papel nessa dinâmica desde o momento em que veicula notícias sobre crimes de forma sensacionalista, até a fase derradeira, onde incentiva a vingança, conforme podemos ver no caso das campanhas de lei e ordem fomentadas pela própria mídia (SILVEIRA, 2016. p. 18).

Há quem afirme que se vive hoje uma pandemia do medo, concomitante à pandemia da COVID-19:

Esse cenário levanta várias questões: existe uma pandemia de medo / estresse concomitante à pandemia de COVID-19? Como podemos avaliar esse fenômeno? Para entender as repercussões psicológicas e psiquiátricas de uma pandemia, as emoções envolvidas, como medo e raiva, devem ser consideradas e observadas. O medo é um mecanismo de defesa animal adaptável que é fundamental para a sobrevivência e envolve vários

processos biológicos de preparação para uma resposta a eventos potencialmente ameaçadores. No entanto, quando é crônico ou desproporcional, torna-se prejudicial e pode ser um componente essencial no desenvolvimento de vários transtornos psiquiátricos. Em uma pandemia, o medo aumenta os níveis de ansiedade e estresse em indivíduos saudáveis e intensifica os sintomas daqueles com transtornos psiquiátricos pré-existentes (ORNELL *et al*, 2020. p. 2).

Nessa órbita, o medo da pandemia remete ao medo da morte e conduz a uma reflexão acerca da finitude humana. Essa premissa leva a uma reflexão do quanto a psicologia deve conduzir para uma reconciliação do indivíduo com a sua própria limitação temporal e existencial. Ora, tal temor está relacionado à finitude da vida e o desconhecimento da dimensão escatológica e tanatalógica.

Observa-se que essa perspectiva da eminência da morte atrai a mídia sensacionalista, que se alimenta de fomentar o medo. É preciso olhar de modo crítico isso, reler as manifestações dos diversos meios de comunicação de modo crítico, o que significa que há de se estabelecer critério ao se examinar o conteúdo recebido, e com capacidade de se filtrar a influência exercida por esses agentes nas emoções de quem assiste.

2.5. SENSACIONALISMO E FOCO NA TRAGÉDIA: UMA CRÍTICA SOCIAL

Pode-se compreender o “sensacionalismo como nutriente psíquico edesviante ideológico. Ele caracteriza a prática sensacionalista como uma forma radical de mercantilização da informação” (TONDO; NEGRINI, 2009. p. 2).

O sensacionalismo cultural situado no contexto da mídia brasileira tem fortes raízes na espetacularização da tragédia. Por meio dela, transforma-se a notícia num produto e quanto mais trágica e impactante, mais encarecedora ela fica. Nessa perspectiva que a imprensa sensacionalista é afeita à ênfase em temas criminais ou extraordinários, firmando preferencialmente corpos em dimensões escatológicas ou sexuais. Escatológicas tem-se que aqui o significado de realidades últimas do ser humano (ENNE, 2007). Assim, o cenário de tantas mortes por COVID-19 é um campo escatológico fértil para ser explorado pelas intenções sensacionalistas. A espetacularização da tragédia traz expectadores mais do que a mera objetividade.

Ressalta-se que a mídia em si traz muitos contributos à consolidação da verdade, porquanto colabora com informações e orientações. Mídia essa, que se propõe a ser um veículo, uma ponte, entre o fato e os expectadores, sendo atribuição do jornalista apurar e transmiti-los de uma maneira que proporcione o entendimento do ocorrido. Tendo como referência essa característica do jornalismo, era de se esperar que em um cenário de desconhecimento tão radical quanto tem sido a pandemia, ele se dedica a apuração e a veiculação de informações confiáveis, para contribuir com o bem viver e o bem estar de todos. Essa contribuição sensata foi dada por parte dos veículos de comunicação, quando da formação por exemplo, do consórcio de veículos de imprensa para apurar e divulgar os dados sobre o número de mortes em decorrência da COVID- 19. Esse exemplo, é o tipo de prática que contribui positivamente, pois reúne dados confiáveis, que são usados para conhecer a realidade em curso e construir medidas de prevenção contra a COVID-19 e conseqüente preservação da vida. Conhecer a realidade para agir sobre ela, é um aspecto saudável do consumo de informação, e que pode colaborar para a saúde, mental e física. Tendo em vista que, conhecer a realidade traz benefícios psíquicos, como a sensação de segurança, e outros benefícios como adoção de comportamentos responsáveis para evitar a contaminação. Nesse caso, saber da realidade e conhece-la com qualidade e seriedade, através da mídia, possibilita agir e pensar de modo saudável. O tipo de veiculação da informação, sensacionalista ou não, modifica a experiência psíquica do sujeito

Além disso, a indústria midiática sensacionalista foca nas marcas de oralidade para se construir um texto que chegue direta e emocionalmente ao leitor. Não se trabalha com a notícia em sua dimensão objetiva, mas se pretende a todo custo trazer abalo emocional ao receptor daquela informação (ENNE, 2007). Apesar de o sensacionalismo existir também na mídia escrita, com ela fica difícil usar de entonações ou teatralizações próprias da espetacularização da tragédia, já referida.

A percepção de uma série de marcas sensoriais, uso de verbos e expressões corporais, bem como uso de prosopopeias são estratégias recorrentes desse tipo de abordagem midiática (ENNE, 2007).

A utilização de estratégias editoriais para evidenciar o apelo sensacionalistas, aqui se inserem manchetes “garrafais”, presença constante de recursos

audiovisuais. Reconstrução de acontecimentos etc. (ENNE, 2007). Trata-se de dois movimentos típicos da indústria midiática sensacionalista: maximizar para instaurar o caos ou minimizar para disfarçar a gravidade.

Outrossim, a construção narrativa também se mostra como uma estratégia sensacionalista de trazer foco e atrair expectadores para aquele cenário de tragédia. Interessante notar que muitas vezes, o consumidor midiático mais afetado por esse tipo de postura é aquele ligado às camadas mais pobres da sociedade (ENNE, 2007). Isso porque, dada a sua vulnerabilidade, torna-se um alvo fácil de interceptação e persuasão.

Tudo isso deve ser algo para o qual as pessoas precisam ter atenção para que não se deixem contaminar por essa influência nociva que explora a tragédia e o horror para se gerar lucro. Isso tem acontecido até mesmo na conjuntura pandêmica que se vive. É preciso que a informação seja recebida com criticidade, objetividade e que o consumidor midiático resguarde a medida do possível certo distanciamento emocional daquilo que se contempla. Isso porquanto por mais reais que sejam os acontecimentos transmitidos, a forma de explorá-los pode ser carente de uma perspectiva saudável.

2.6. FAKE NEWS E SEUS EFEITOS NA VIDA DAS PESSOAS

No que toca à questão das *fake news*, é cediço que se trata de um grande problema da contemporaneidade:

A velocidade está sendo a grande 'carta na manga' das notícias falsas, as quais se disseminam por meio de diversas mídias sociais como WhatsApp, Facebook, Twitter, entre outras de grande aderência. A notícia ganha impulso, propaga-se como um verdadeiro incêndio virtual e, dessa forma, consolida opiniões e supostos conhecimentos sobre os mais variados temas. Por exemplo, na área da saúde: preocupado com a repercussão das notícias fictícias, o Ministério da Saúde, no ano de 2018, criou um canal chamado "saúde sem fake news", no qual é disponibilizado um número de telefone para que as pessoas, antes de compartilhar, possam enviar as supostas notícias verdadeiras e verificá-las (GOMES *et al*, 2020. p. 3).

No contexto da pandemia, observou-se com frequência o fenômeno das notícias falsas, cujo escopo se apresentou frequentemente como distorcer intencionalmente fatos para se atrair audiência, enganar, desinformar, manipular a opinião pública, muitas vezes com fins ideológicos e políticos (GALHARDI *et al*, 2020).

Foi possível constatar que as notícias falsas recebidas entre março e abril de 2020, por exemplo, num percentual de 65% delas, buscava ensinar métodos caseiros para se prevenir da COVID-19. Já 20% pretendiam curar a doença, 5,7% aludia a golpes bancários. 5% mencionavam golpes sobre arrecadações para instituições de pesquisa, ao passo que 4,3% aludiam para uso do coronavírus como ferramenta política (GALHARDI *et al*, 2020).

Toda essa celeuma de desinformações só faz gerar mais pânico entre a população e suscita confusão, desespero e insegurança. A insegurança é um dos males da atualidade e grande agente potencializador de problemas psíquicos como ansiedade e depressão.

Não é adequado que as notícias falsas continuem a usar de situações tão sérias como uma pandemia que tem causado dor, sofrimento e morte para que se propague uma ideologia ou uma banalidade, ainda que despreziosa. Espera-se da mídia, enquanto esse conceito histórico e abrangente de veiculação de mensagens, que seja instrumento da verdade, existente para dar transparência aos

acontecimentos, não para confundir, desinformar e trazer desencontro dos fatos e da realidade.

2.7. A PSICOLOGIA E OS DESAFIOS NO CONTEXTO PANDÊMICO

A psicologia com suavidade, crítica e reflexão deve ter sua função social reafirmada, como tentativa de minimizar o sofrimento humano, a partir de uma escuta qualificada, ativa e compreensiva para com os dilemas da humanidade. Para isso, ao se dialogar com a pandemia, mostra-se uma alternativa plausível não enfatizar o problema, causando medo, tampouco negar as evidências dadas pela ciência.

Houve aumento significativo dos casos de depressão na pandemia e isso é um ponto de partida para a reflexão de que é necessário repensar o ser humano diante de imposições de isolamento e a forma com que se lida com a morte, a doença e o sofrimento (UFJF, 2021).

Não é desejável permitir que se tenha uma postura anticientífica, cética frente às evidências da gravidade e da propagação da COVID-19, esse fechamento para a realidade é algo que faz com que se aflore um individualismo egoísta. Quanto a este, tem-se a ideia que se opõe radicalmente à alteridade, trata-se de focar apenas nas próprias necessidades e enxergar o mundo e o outro a partir delas. No entanto, a postura de dar um foco demasiado para a tragicidade existente faz com que se revise com frequência sentimentos negativos, o que leva a desestimulante sensação de desespero.

O estudo perpassa uma perspectiva social e individual. Apesar de se trazer num primeiro momento a ideia de cognição e sociabilidade, opta-se por delimitar a análise a premissas psicanalíticas.

Nessa órbita, uma premissa importante da psicologia é a noção de cognição social. Grosso modo, pode ser definida como o pensar do indivíduo sobre si próprio e sobre o corpo social circundante (VAZ; NEIVA, 2011). Desse modo, cumpre ressaltar o acontecimento de dimensão geral que é a pandemia e a forma como o indivíduo muitas vezes isolado e tendo que se adaptar a uma rotina completamente distinta da qual estava habituado enxerga a si e aos outros.

Mostra-se evidenciada a necessidade de se fomentar uma linguagem e altruísmo recíproco. O toque desapareceu do cotidiano das pessoas e assim trouxe

em evidência sua importância. Somos carentes do contato e da interação mútua, o ser humano vive para o outro e encasular-se num subjetivismo não se mostra saudável e nem produtivo (VAZ; NEIVA, 2011).

Nisso a psicologia social e a ética filosófica contemporânea que remete à ideia de responsabilidade se encontram e se significam profundamente. Vale destacar aqui a noção extraída de Levinas (2003) que coloca o outro como horizonte ético e que a conduta humana deve sempre ser pautada nessa dimensão da alteridade. Por outro lado, Hannah Arendt (2007), coloca o *amor mundi* e a convergência das pessoas em uma finalidade comum de cuidado global como a solução para os males do mundo.

Nessa dimensão, a psicologia social transita em abordagem semelhante: é necessário situar o homem e a mulher como uma parte de um todo que precisa convergir para as múltiplas interações entre indivíduo e sociedade em busca de uma convivência harmônica (VAZ; NEIVA, 2011).

Ainda:

As pessoas usam suas estruturas cognitivas para chegar a uma compreensão rápida e bastante satisfatória a respeito dos outros e de si mesmas. Quais são os elementos que formam os conteúdos das estruturas cognitivas? São dois os elementos principais que preenchem nossas estruturas cognitivas: schemas e atribuições (VAZ; NEIVA, 2011. p. 85).

Os chamados *schemata* são estruturas cognitivas relacionadas a conhecimentos sobre objetos, conhecimentos e conceitos. Trata-se de concepções acerca de si e dos outros. Já as atribuições são tidas como agentes causais dos comportamentos.

Pode-se dizer, inclusive, valendo-se da psicologia social de que a pandemia da COVID-19 enquanto modificador das atitudes das pessoas, levadas ao isolamento e ao distanciamento social é uma atribuição, isto é, um agente causal de comportamento. A pandemia leva as pessoas a serem inseguras no seu contato com o outro e buscarem sobrevivência, autopreservação. Isso é positivo, já que traz responsabilidade individual para com a própria vida e social em relação ao cuidado com a coletividade. O problema é quando por influência externa da mídia se converte o cuidado em pânico, desespero e neurose.

A partir daí faz-se uma abordagem dialogada com a psicanálise. É cediço que a neurose para a dimensão freudiana pode ser tida como expressão de conflitos que permeiam os desejos e o inconsciente. Trata-se de um estado de ansiedade e mal-estar que reprime impulsos. Aí surge a dimensão do Id, Ego e Superego. O primeiro representando o aspecto da pulsão, quase animalesco do ser humano e o terceiro ligado aos preceitos morais e rigorosos da conduta. O segundo, por sua vez (o Ego), tem a difícil tarefa de harmonizar os outros dois polos (FREUD, 1996).

Nesse sentido, o desejo de socialização, de ir ao encontro do outro, viver as dinâmicas afetivas de proximidade são sufocadas pela necessidade social e moral de isolamento. Assim reprimem-se os desejos e a busca por sobrevivência faz com que se desenvolvam neuroses. A civilização na pandemia se mostra ainda mais aquela sociedade contemporânea dotada do mal-estar diagnosticado por Freud (1996).

A mídia potencializa isso, na medida em que leva ao medo desesperador, que gera cada vez mais isolamento e distanciamento. O indivíduo que sufoca sua necessidade do toque e de estar próximo das outras pessoas passa a ter dificuldade de fazer com que o Ego harmonize o conflito entre Id e Superego.

Conforme se vê, independente do ponto de avaliação, se firmado na psicologia social ou na psicanálise, a pandemia foi até a raiz das premissas que envolvem o comportamento humano, seus instintos e a forma como as pessoas se enxergam e enxergam o outro.

Nesse sentido, destaca-se que a vida é conjunto de forças que lutam contra a morte, sendo a função psicanalítica reforçar a perspectiva do desejo de viver. Ora, com o contexto pandêmico atual deve conduzir a uma abertura à vida, uma capacidade de valorizar o presente e extrair o máximo das sensações e experiências (LE MOS; KALLAS, 2020). Nessa esteira, recorde-se o pensamento de Nietzsche (1976), que influenciou a psicanálise e abordou com afinco a necessidade de valorização da vida em sua concretude, no âmbito dionisíaco, que para ele estava ligada aos desejos humanos e à manifestação de uma vontade de potência. Nisso, para o autor, a força humana se plenificava.

Isto posto, a psicologia social e a psicanálise contribuem para que a população possa entender melhor a dinâmica da pandemia e superá-la com

equilíbrio, consciência e prontidão. Nessa órbita, faz-se necessário que com crítica e reflexão se reexamine aquilo que é imposto pela mídia e se busque filtrar de modo racional e sereno o que se recebe enquanto informação e comunicação. Assim, a mídia volta a ser meio construtiva e não finalidade destruidora, geradora de emoções negativas, estresse, ansiedade e depressão.

3. METODOLOGIA

Para realização da presente pesquisa, fez-se uma revisão bibliográfica de modo crítico e integrativo, suscitando uma reflexão com base na ciência da psicologia e amparado em uma análise social da problemática da influência midiática e o adoecimento mental em tempos de pandemia.

Para tanto, estabeleceu-se enfoque qualitativo e pesquisa explicativa, realizando leituras de livros e artigos científicos, fichamento de trechos principais e se pretendeu colocar os vários autores em diálogo, buscando uma perspectiva integrada e sistêmica.

Foram utilizados para fins de pesquisa 28 referências bibliográficas, sendo 7 artigos científicos e 21 obras, dentre autores clássicos e contemporâneos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Restou demonstrado, por meio dos autores estudados que a mídia funciona como grande rede influenciadora na vida das pessoas. Ela pode ser um meio de comunicação, mas infelizmente pode se converter numa finalidade manipuladora e que realiza manobras para com as massas populacionais. Nessa esteira, a pandemia da COVID-19 levou a algumas desinformações e ênfase na tragicidade do contexto, o que faz com que as pessoas estejam expostas a um cenário que pode provocar um adoecimento mental.

Observou-se que há indícios de que a depressão se elevou no país na pandemia. Em aferição a parcela populacional 92,2% demonstraram sinais de depressão. Outrossim, 50,6% aparentaram ansiedade (UFJF, 2021).

Ainda sobre as conclusões do estudo da UFJF (2021. s.p), pode-se destacar alguns apontamentos a se discutir em relação a uma plataforma (portanto, manifestação midiática) que pode contribuir para amenizar o que se ilustrou:

“a plataforma funcionou abertamente até dezembro do ano passado, via chat, quando foi fechada para fazermos um balanço dessa primeira fase e aprimorarmos algumas coisas”. Além disso, ele conta que “por meio da parceria com outras instituições, desenvolvemos um grande banco de informações para as pessoas lidarem com ansiedade, depressão e alguma alteração de humor, com isso servindo como um primeiro suporte”. Outro fato que contribuiu e foi um aliado na construção do projeto foi a “criação de uma rede de atenção presencial ou on-line, para pessoas que precisavam de atendimento”. Quarenta profissionais da psicologia, do Brasil e da Argentina, foram capacitados pelos supervisores do projeto para prestarem atendimento psicológico.

Assim, constata-se que o problema não está na mídia, mas na forma como ela é utilizada, se é tida como um meio de promoção de qualidade de vida ou de veículo de sensacionalismo *fake news*.

O que se extrai da presente pesquisa é que tanto a postura negacionista, alienada e indiferente quanto o desespero frente ao cenário de mortes e contaminações é algo que pode prejudicar a psique da população. Ter uma postura equilibrada, serena e capaz de cuidar de si e do outro é o fundamento da intervenção terapêutica em um momento tão crítico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante o exposto, restou demonstrado que a mídia, que é composta de tantos veículos de comunicação construídos historicamente, é uma determinante do tempo presente e urge que se faça uma leitura crítica acerca de sua influência sobre a população. Desde à origem da escrita até o surgimento da imprensa ou da *internet*, a indústria midiática compõe o cotidiano das pessoas. Contemplou-se que tanto o negacionismo quanto o sensacionalismo são nocivos às pessoas que estão inseridas nesse cenário. A intervenção psicológica deve sempre se pautar numa busca pelo equilíbrio e pelo lapidar das emoções, sabendo digerir imposições como distanciamento social, isolamento e solidão. A partir disso, as pessoas nutrem um autoconhecimento e estabelecem uma postura mais serena, viabilizando assim a preservação de sua saúde mental. Seja por uma abordagem da psicologia social ou da psicanálise, observa-se que o ser humano tem sede de proximidade e afeto e reprimir isso com o isolamento social pode causar neurose, ansiedade, depressão e uma gama de sentimentos negativos. É necessário que se trabalhem esses impulsos para que se possa passar pelo momento da pandemia de forma serena, segura e tranquila. Por fim, registre-se a dificuldade encontrada, porquanto muito pouco ainda se produziu sobre o tema, dada a atualidade dessa problemática. Espera-se que com a superação da pandemia, o contexto acadêmico-teórico e prático-profissional da psicologia possa sempre revisitar essas questões e chegar a contributos pertinentes à humanidade.

6. REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo, SP: Martin Claret,. 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CARRIÇO, Bárbara *et al.* Novos meios de comunicação. **REC**, Unifacef, v. 9, n. 3, 2010.
- ENNE, Ana Lucia S. O sensacionalismo como processo cultural. *Rev. Eco-pós*. V. 10, n. 2, , p. 70-84, jul/dez, 2007.
- FARO, André *et al.* COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Rev. Estud. psicol.** Campinas, v. 37, p. 1-14, 2020.
- FILHO, Naomar de Almeida *et al.* O conceito de saúde mental. **Rev. USP**, São Paulo, nº 43. p. 100-125, set/nov, 1999.
- FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GALHARDI, Claudia Pereira *et al.* Fato ou fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da COVID-19 no Brasil. **Cienc. Saúde coletiva**, v. 25, n. 2, out. 2020.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Abril Cultural. 1980.
- KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. Psicanálise, sonhos e luto na pandemia. **Reverso**, Belo Horizonte , v. 42, n. 80, p. 55-62, dez. 2020 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-7395202000020007&lng=pt&nrm=iso. acessos em 09 jul. 2021.
- LEVINAS, Emmanuel. **De otro modo que ser, o más allá de la esencia**. Salamanca: Sígueme, 2003.
- LINHARES, Maria Beatriz; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Reflexões baseadas na psicologia sobre efeitos da pandemia da COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Rev. Est. Psic.** Campinas, n. 37, 2020.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero – a moda e seus destinos na sociedade moderna**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- LONGO, Walter. **O fim da idade média e início da idade média**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.
- MACHADO, Ana Lúcia; SANTOS, Jussara Carvalho dos. **Saúde mental: cuidado e subjetividade**. São Paulo: Difusão Editora, 2012.

MACHADO, Leila Domingues. Mídia, imagem e subjetividade. **Mnemosine**, vol. 5, n. 1, p. 23-33, 2009.

MIRANDA, Gustavo Lima de. **A história da evolução da mídia no Brasil**. Brasília: Uniceub, 2007.

NIETZSCHE, F. **A Genealogia da Moral**. Lisboa: Guimarães Editores, 1976

SILVEIRA, Felipe Lazzari da. Mídia, medo e controle: ensaio sobre o papel da mídia na dinâmica do recrudescimento do sistema penal. **Rev. Cad. Comun.** Santa Maria, v. 20, n. 2, p. 1 – 21, 2016.

SARACENO, Benedetto *et al.* **Manual de Saúde mental: guia básico para atenção primária**. 5ª ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2019.

SHINYASKI, Roberto. **A carícia essencial: uma psicologia do afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2015.

SOEIRO, Alexandre. **COVID-19: temas essenciais**. São Paulo: Manole, 2020.

TONDO, Romulo; NEGRINI, Michele. Espetacularização e sensacionalismo: reflexões sobre o jornalismo televisivo. **Intercom**, XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 4 a 7 de setembro de 2009.

VAZ, Claudio Torres; NEIVA, Elaine Rabelo. **Psicologia social**. São Paulo: Grupo A, 2011.

UFJF. Índice de pacientes com sintoma de depressão ultrapassa 90% na pandemia. Publicado em 07/04/2021. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2021/04/07/indice-de-pacientes-com-sintoma-de-depres-sao-ultrapassa-90-na-pandemia/>> Acesso em 3 out. 2021.